



nem caladas, nem cobertas

novas perspectivas
sobre textos antigos

Organização Projeto Redomas

Dados da edição

nem caladas, nem cobertas

novas perspectivas sobre textos antigos

2020, Brasil

Produção independente

Edição

Bianca Rati, Luciana Petersen

Organização

Bianca Rati, Luciana Petersen e Gabriela Wegner

Projeto gráfico e diagramação

Amanda Lopes

Revisão

Talita Rocha

É proibida a comercialização deste material.

Projeto Redomas

www.projetoledomas.com

contato@projetoledomas.com

[@projetoledomas](#)

Sumário

Gênesis 3 | pág. 05

**Para poder consertar,
viremos de ponta-cabeça**

Projeto Redomas

1 Coríntios 11 | pág. 14

**As mulheres profetisas da
comunidade de Coríntios e o véu
patriarcal que tenta encobri-las:
Quem tem autoridade sobre
nossas cabeças?**

Odja Barros

1 Coríntios 14 | pág. 22

**Devem as mulheres
calarem-se na Igreja?**

Simony dos Anjos

Efésios 5 | pág. 27

**Paulo, Paulo, por que
me persegues?**

Rebecca Maciel

Colossenses 3 | pág. 34

O primeiro código de deveres domésticos cristão: propaganda e proteção comunitária

Carolina Bezerra de Souza, Taiana Luisa Wisch

1 Timóteo 2 | pág.44

A Desigualdade entre homens e mulheres como herança grega

Lilian Conceição da Silva

Tito 2 | pág. 49

Sugar Tito

Ana Ester Pádua

1 Pedro 3 | pág. 56

Os conselhos para submissão das mulheres, que não foram aceitos por todas!

Eliad Santos

Sobre as autoras | *pág. 61*

Sobre o Projeto Redomas | *pág. 65*

Bianca Rati e Luciana Petersen / Editoras do Projeto Redomas

Para poder consertar, viramos de ponta-cabeça

Introdução | Gênesis 3

“Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de consertá-lo, colocando-o do jeito certo novamente.”
Sojourner Truth¹

Como pessoas que cresceram dentro da tradição evangélica, a bíblia fez parte de nossa trajetória, assumindo diversos papéis: livro de histórias, manual para vida, conforto em momentos difíceis, objeto de estudo e - talvez principalmente - indutor de alguns desconfortos. Pode ser difícil ter uma relação saudável com um livro que está na história há mais de 2000 mil anos e na sua vida desde que você nasceu. E é especialmente complicado no ambiente teológico hegemônico no Brasil.

Tudo tem a ver com o jeito ou com as lentes que olhamos a Bíblia, que é um livro complexo e com muitos significados, culturais e subjetivos. Há quem veja a bíblia como um livro de regras, um manual de como se deve viver nessa terra para não ser condenado ao inferno. Há quem veja como um mosaico,

¹ Sojourner Truth foi uma mulher negra, cristã, pregadora itinerante, ex-escravizada e uma das maiores influências no feminismo na América. Conheça mais sobre sua história em nosso [texto](#) e [podcast](#) no Projeto Redomas.

uma colcha de retalhos, um conjunto de histórias que podem ecoar em nossas vidas. Muitas pessoas veem como um livro precioso porque conta a história do Cristo, o Deus que se fez carne, Deus conosco que morreu e ressuscitou. Outras pessoas assumem que Deus escreveu o livro, mas também escreveu a vida, e a vida muitas vezes não cabe no livro.

Há quem crie seu próprio jeito de olhar a Bíblia, misturando algumas dessas possibilidades, ou criando uma nova. Mas não se engane, todas as pessoas partem de uma perspectiva própria para ler esse livro, por mais que batam no peito alegando adotar a perspectiva certa, neutra, verdadeira, recebida do próprio Deus.

Uma das primeiras histórias que você aprende na escola dominical é a criação, narrada nos primeiros capítulos de Gênesis. É uma história fantástica sobre um mundo criado do nada, organizado em sete dias. Você é levada pela narrativa quase mágica dos elementos da natureza surgindo e culminando na criação do ser humano. O planeta Terra é criado por um Deus que se certifica de que tudo esteja bom. No final, esse Deus cria seres à sua imagem e semelhança, os seres humanos.

Mas aí chegamos no capítulo 3, o momento em que toda essa narrativa chega a um ponto decisivo: uma serpente conversa com Eva, a primeira mulher, e a incentiva a experimentar o fruto da árvore do bem e do mal. Deus havia dito aos humanos que se comessem do fruto morreriam. Mas a serpente argumenta que, na verdade, os olhos dos humanos se abririam e eles conheceriam o bem o mal, seriam como Deus. Eva analisa o fruto, vê que parecia delicioso e fica intrigada pela possibilidade desse

conhecimento. Comeu o fruto e ofertou a Adão, que também comeu. A primeira consequência dessa atitude é a percepção da nudez, a qual eles resolvem usando algumas plantas para se cobrirem.

Mais tarde, Deus passeava no jardim procurando o humanos que estavam escondidos. Deus pergunta o porquê dessa vergonha e Adão responde que era porque estava nu, e questionado por Deus sobre como ele sabia disso, se havia comido o fruto, Adão coloca a responsabilidade em Eva. Ela argumenta que foi enganada pela serpente e Deus passa a uma série de maldições, começando pela serpente, que é condenada a rastejar sobre a terra e condicionada a uma inimizade com a mulher, e suas descendências. O descendente da mulher feriria o descendente da serpente na cabeça, enquanto o dela o feriria no calcanhar. Deus continua falando a respeito da mulher, “farei mais intensas as dores de sua gravidez, e com dor você dará à luz. Seu desejo será para seu marido, e ele a dominará” Gn 3:16. E por último, Deus amaldiçoa a Terra e o homem com um trabalho pesado para obter dela alimento e sustento, “com o suor do rosto você obterá alimento, até que volte à terra da qual foi formado. Pois você foi feito do pó, e ao pó voltará” Gn 3:19. A história encerra com Deus expulsando os humanos do Jardim do Éden e tomando providências para que eles não tenham acesso à Árvore da Vida, já que agora eles já se alimentaram da Árvore do Bem e do Mal.

A importância desse relato mitológico sobre a criação do planeta é observada em suas inúmeras referências ao longo do texto bíblico, o que faz todo sentido, já que essa história era muito importante e formadora dos indivíduos que protagonizaram histórias ou escreveram livros que compõem a bíblia como conhecemos hoje. Toda a perspectiva de mundo dessas pessoas, de uma forma ou de outra, era afetada por esse texto.

E bom, para nós no mundo ocidental também, já que estamos em sociedades fortemente constituídas por uma lógica “judaíco-cristã”.

Aqui, vale mencionar uma curiosidade, o Projeto Redomas nasceu justamente em um evento cujo o tema a ser estudado era o livro de Gênesis.

Não dá para esconder a importância que repensar o mito da criação e seus desdobramentos teológicos e sociais, teve no incômodo que levou aquelas mulheres dentro de um quarto de alojamento decidirem mudar o rumo de algumas narrativas.

Uma semana dedicada a pensar esse texto nos levou a perceber como somos afetadas até hoje pela maldição de Eva - que, segundo o que até mesmo uma teologia mais conservadora afirmaria, nem tem mais validade após a morte e ressurreição de Cristo², mas, então, por que nos afeta?

Talvez nos afete porque, ainda que essa teologia hegemônica afirme o fim dessa maldição em Cristo, seus seguidores e articuladores ativamente ignoram isso e continuam agindo como se tivesse validade. Ou ainda, talvez porque a gente precise olhar esse texto fora dessa lente colonizadora, patriarcal, racista e binária e adotar uma outra perspectiva. E essa é a perspectiva adotada neste livro, para tratar não só de Gênesis 3, mas de uma série de outros trechos bíblicos que chamamos de desafiadores. Por que desafiadores? Porque ao tentar se relacionar com a fé cristã, nós somos abordadas por esses textos antigos (e interpretações ainda mais violentas) que muitas vezes desafiam o nosso direito, enquanto mulheres, de viver a vida em plenitude.

² Apesar de explorarmos outras perspectivas aqui, o texto “[Sobre sermos Eva](#)” (2016) encontrado no nosso site, é um bom exemplo de uma leitura da história de Eva, em uma perspectiva teológica mais tradicional.

E também podemos encarar de outra forma: como esses textos nos desafiam a pensar a nossa fé, a bíblia, nossos valores e a sair desse eixo hegemônico interpretativo, desenvolvendo autonomia sobre o nosso olhar bíblico?

Usando Gênesis 3 como exemplo, uma leitura atenta do texto nos faz perceber algumas informações que não nos falaram nas aulas de escola bíblica, bem como dúvidas que não foram respondidas, ou nem poderiam ser externalizadas. O texto não menciona o diabo, pecado, ou mesmo que o fruto era uma maçã. Por que não poderia ser uma banana, ou uma melancia? Por que a tradição culpabiliza tanto Eva, se Adão igualmente comeu o fruto?

Há uma certa imprecisão sobre quando e por quem o livro de Gênesis foi escrito. Uma hipótese muito aceita é que os capítulos 1-3 teriam sido escritos por volta do século VI a.C, quando o povo hebreu passava pelo exílio babilônico. Segundo Luigi Schiavo³, o texto teria como objetivo “apresentar o mito fundacional do judaísmo após a triste e dramática experiência da invasão e do cativeiro babilônico”.

O texto parece tentar resolver algumas questões que perturbavam as pessoas naquela época, como: por que trabalhamos tanto e a terra não dá frutos? Por que sofremos com dores no parto? Por que cobras e serpentes nos perturbam? Todas essas podem ser perguntas bobas para nós aqui em 2020, mas eram muito grandes para as pessoas da antiguidade. Nós temos também a nossa cota de grandes questões não respondidas e um anseio muito grande de colocar tudo dentro de suas caixinhas. Mas aqui vai mais uma característica da perspectiva de leitura bíblica que adotamos: não precisamos responder tudo, podemos deixar algumas pontas soltas.

3 “O mito fundacional do Judaísmo Leitura intercultural de Gênesis 1-3”. RIBLA. v. 82, n. 2 (2020)

Podemos reconhecer os mistérios, dificuldades e contradições que encontramos na bíblia, sem a pressa de querer forçar certas respostas ou assumir apenas um olhar como o correto.

O mito de Gênesis é cheio de binários: bem e mal, ser humano e animal, mulher e homem, Deus e humanos, mortal e imortal, andar e rastejar, viver e morrer, vestir-se e desnudar-se, vergonha e liberdade, etc. Porém, a leitura historicamente patriarcal desse texto utilizou-se do primeiro binário para interpretar os outros, colocando tudo dentro da caixinha do bem ou na caixinha do mal, em que foram parar as mulheres. Como demonstra a historiadora e feminista Margareth Rago⁴, através de uma análise de textos de Tertuliano, considerado um dos pais da fé cristã ao lado de Agostinho, muitos de seus textos e reflexões embasaram a teologia hegemônica até os dias atuais, podemos observar a maneira que ele se referia às mulheres neste trecho destacado pela autora:

1.Você dá à luz em meio a dores e ansiedades, mulher; Você sofre a atração do seu marido e ele é seu mestre. E você ignora que Eva é você? 2. Ela ainda vive neste mundo, a sentença de Deus contra o seu sexo. Então viva, como acusada. Você é a porta do diabo; foi você quem quebrou o selo da árvore; foi você quem contornou aquele a quem o diabo não podia atacar; foi você que saiu tão facilmente do homem, a imagem de Deus. É o seu salário, a morte, que trouxe a morte até ao Filho de Deus (Tertullien, 1971, p.43 apud Rago 2019, p.181).

Alguém poderia dizer: “Ah, mas já faz muito tempo isso, ninguém mais pensa assim, não é relevante”, mas, na verdade, pensar como esses escritos embasaram o começo do cristianismo enquanto religião institucionalizada e, portanto, grande

4 “Foucault em defesa de Eva” (2019) artigo do livro “Neoliberalismo, Feminismos e Contracondutas - Perspectivas Foucaultianas”. Organização de Margareth Rago e Mauricio Perelegrini.

parte da teologia que conhecemos demonstra essa relevância, demonstra as bases nas quais determinados pensamentos e comportamentos foram alimentados pela fé cristã ao longo da história, de forma que destaca Margareth Rago (2019):

Na pastoral cristã, as mulheres são continuamente associadas ao pecado e à carne, vistas como perigos públicos e citadas como perdulárias, frívolas, sensuais e pecadoras, desde Eva, responsável pela queda da humanidade; demandam, portanto, maior controle e vigilância pelos homens (p.181).

No relato criação, vemos Deus criando um mundo muito bom, com harmonia entre seres humanos e animais, ciclos da terra se repetindo, um modelo não-predatório, uma sociedade em que existia o bem-viver. Entretanto, o ser humano passou a adotar um modelo de domínio predatório, que subjuga a terra, violenta a natureza, os animais e relações humanas.

Nesse mundo muito bom, nesse Éden do bem-viver⁵, os humanos experimentam o projeto de Deus para a Terra: liberdade, vida em abundância. Quando voltamos ao texto, olhando especialmente a primeira consequência após os humanos comerem do fruto, vemos que são abatidos pela vergonha. Durante o processo de escrita desse texto, ficamos nos perguntando: o que é o bem e o mal? Por que quem contou essa história diz que Deus não gostaria que os seres humanos conhecessem o bem e o mal? Trabalhar um exercício de decolonizar o olhar em relação à bíblia é, em primeiro lugar, não ter medo de fazer perguntas, ou levantar suspeitas sobre os textos. E esse é um exercício que não é fácil, pois exige que abandonemos algumas pré-concepções.

⁵ O bem-viver é uma filosofia de povos originários que entende o ser humano como parte da natureza. A perspectiva do bem-viver busca cultivar o respeito e a valorização da terra, bem como de todas as formas de vida, a fim de construir uma sociedade sustentável para que haja futuro.

Fazendo essas perguntas, tentando nos desvencilhar de amarras, viramos de ponta-cabeça algumas ideias pré-estabelecidas que tínhamos a respeito de Gênesis 3.

Até que percebemos algo: quando Deus avisa os humanos que se comessem do fruto da Árvore do Bem e do Mal eles morreriam, é porque esses sentimentos de vergonha e culpa são, de fato, sentimentos de morte. Uma vida sem liberdade não é a vida em abundância, não é o projeto divino para Terra.

A opressão por meio da culpa e da vergonha, a maldição de uma Terra que agora seria explorada pelos seres humanos e a subjugação das mulheres são maldições que nos perseguem até hoje, que nos matam até hoje.

A narrativa bíblica das origens da criação do Gênesis produziu muitas imagens, símbolos, narrativas, projetos, poderes e maldições. O modelo explicativo da origem do mal e pecado fornecido pela narrativa bíblica de Gênesis 3, gerou **a metáfora da inimizade entre a terra e a humanidade e lançou maldição sobre o corpo da terra e das mulheres.** [...] Está lançada a maldição! Malditas estão a terra e as mulheres submetidas ao governo dominador de homens que buscam submeter e controlar seus corpos. Assim, a grande DOR da terra e das mulheres tem origem na Bíblia e suas leituras fundamentalistas, racistas e patriarcais. ([Odja Barros, CEBI](#), grifos nossos)

Não está no interesse daqueles que querem oprimir e colonizar que nós tenhamos acesso à liberdade que Deus projetou.

Na verdade, o conceito de liberdade é assustador para os que querem assumir o papel de carrascos na prisão dos corpos, que se utilizam de leituras fundamentalistas para oprimir e dar embasamento à manutenção de seu modo de vida e sistema exploratório.

Por isso, na hora de encarar Gênesis 3, é necessário encarar o que esse mito originário gerou ao longo da história, do contrário se torna impossível fazer uma leitura que se proponha libertadora.

Nesse livro gostaríamos de resgatar uma perspectiva feminista/queer/negra de leitura da bíblia, tocando especialmente em textos bíblicos que usualmente são usados para legitimar teologias opressoras.

Cada autora que dedicou tempo para criar esses textos emprestou suas lentes num convite a sentarmos à mesa e partilharmos dessas interpretações singulares. cremos que, a partir dessa comunhão de diversos olhares, podemos encontrar pistas para uma leitura decolonial da bíblia.

Esse livro é, portanto, uma tentativa de romper de uma vez por todas com a leitura patriarcal e com as maldições e vergonha que imputaram sobre nossos corpos.

Toda essa obra parte de um encontro com Ruah, o sopro feminino de Deus, a força de criação e vida que nos coloca em movimento, descrito em Gênesis 2:7:

“Então Deus fez o ser humano com o pó da terra e soprou-lhe nas narinas a Ruah de vida, e o ser humano tornou-se ser vivente”.

Odja Barros

As mulheres profetisas da comunidade de Coríntios e o véu patriarcal que tenta encobri-las:

Quem tem autoridade sobre nossas cabeças?

1 Coríntios 1

Esse texto tem sido usado, historicamente, para impor um véu patriarcal sobre a cabeça das mulheres na igreja: “um véu” de silêncio, submissão e subordinação. Porém, é importante destacar que existe um amplo número de trabalhos de pessoas estudiosas do Novo Testamento que tem “desvelado” o uso patriarcal desta passagem, descortinando problemas de tradução e interpretação que a acompanham historicamente. Dentre esses trabalhos, destaco o da professora Irene Foulkes, realizado no ano de 1996: *Problemas pastorales em Corinto: Comentário exegético-pastoral a I Coríntios*. Esse estudo, juntamente com muitos outros mais recentes, tem desmontado as argumentações machistas, intencionalmente mantidas escondidas pelo “véu” da leitura e interpretação patriarcal da Bíblia, usado para calar, limitar ou disciplinar a participação das mulheres na liderança do culto e da Igreja.

Depois de um breve olhar para algumas considerações trazidas por esses estudos, é possível compreender que o véu patriarcal desse texto está muito mais na cabeça dos homens que historicamente o interpretaram do que na cabeça das mulheres.

Tirando “o véu patriarcal” de Paulo, o escritor da carta

Durante séculos, palavras de Paulo têm sido usadas tanto para silenciar mulheres quanto para controlar a sua participação e seu jeito de vestir ou exercer liderança nas igrejas cristãs. Por isso, um dos primeiros passos para desmontar a leitura machista deste texto é compreender a questão por trás das palavras de Paulo, autor da carta, no contexto específico da comunidade de Coríntios, afinal, existem outras palavras de Paulo que divergem e contradizem suas palavras supostamente machistas em I Coríntios 11:1-16. Podemos comprovar rapidamente com dois exemplos: Na carta aos Gálatas, Paulo expressa sua visão de igualdade de relações entre mulheres e homens na comunidade cristã: *“Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”* (Gálatas 3:26-28). Para Paulo, portanto, as diferenças e desigualdades existentes na cultura e na sociedade do mundo greco-romano deviam deixar de existir na comunidade cristã. Nem raça, nem sexo ou condição socioeconômica deveriam estabelecer diferença de superioridade ou inferioridade dentro da comunidade.

Na Carta aos Romanos, capítulo 16, a prática de Paulo diverge das suas palavras consideradas machistas de I Coríntios 11. Das 29 pessoas mencionadas como colaboradoras de Paulo em seus ministérios, ele nomeia dez mulheres que com ele exerciam posição de liderança na igreja, tais como Febe, diaconisa da Igreja de Cencréia. Menciona ainda mulheres como Priscila, Evódia, Síntique, pregadoras do Evangelho, sobre as quais ele usa o termo grego “synergos”, usado tanto

para homens como para mulheres, referindo-se ao trabalho da pregação do Evangelho feito junto com ele em pé de igualdade. E cita também uma apóstola, Júnias, que ele destaca como notável entre os apóstolos. Diante da prática de Paulo em Romanos, e sua defesa da igualdade em Gálatas, podemos nos perguntar se Paulo não teria sido contraditório com seu próprio ensino em I Coríntios 11:1-16?

Tirando o véu do texto de I Coríntios 11:1-16

Como mulheres e homens devem estar na liderança do culto, orando e profetizando? Essa é a questão principal tratada em I Coríntios 11:1-16. A comunidade cristã em Corinto celebrava seu culto em reuniões nas casas, onde homens e mulheres participavam, oravam e profetizavam livremente e igualmente, fazendo uso dos dons e carismas concedidos por Deus para edificação do corpo. E isto não significava nenhum problema para Paulo. Então, qual teria sido a razão que levou Paulo a escrever essas orientações sobre a maneira de homens e mulheres orarem e profetizarem no culto? De acordo com o comentário de Irene Foulkes, o que motivou a escrita da Primeira Carta aos Coríntios foi uma série de conflitos que necessitavam das orientações pastorais do apóstolo Paulo. O capítulo 11 trata de duas situações específicas: Como homens e mulheres devem orar e profetizar no culto? (v.1-16) e, sobre a ordem na celebração da Ceia (v.17-34).

Os tradutores costumam dar o seguinte título ao bloco que iremos tratar aqui: “O véu das mulheres”. Sabemos que esses títulos são escolhas das traduções mais antigas do texto, feitas pelos intérpretes oficiais da Igreja, homens estudiosos dos textos originais. Esse título é estranho e tendencioso, uma vez

que o assunto tratado diz respeito a como homens e mulheres devem estar na liderança do culto quando oram e profetizam. Não é um texto que se dirige exclusivamente às mulheres, mas sobre o modo de homens e mulheres se apresentarem na liderança do culto. O termo traduzido no texto como “véu” aparece somente uma vez, no versículo 15.

Essa primeira observação revela duas coisas: primeiro, que a tradução colocou um véu patriarcal neste texto desde sua tradução inicial. Segundo, revela que mulheres da comunidade de Corinto exerciam liderança no culto, orando e profetizando, uma vez que há uma orientação de como elas deveriam, assim como homens, estarem na liderança das assembleias e reuniões públicas.

Lendo o texto com atenção, é possível observar que Paulo começa o texto elogiando a comunidade de Corinto por ter se lembrado dele e por ter guardado seus ensinamentos: “E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim, e retendes os preceitos como a vós entreguei.” (11:2). Porém, em 11:16, quando Paulo está concluindo seus argumentos, escreve: “E se alguém quiser pôr isso em discussão, nós não temos esse costume, nem as igrejas de Deus.” Ou seja, aqui parece indicar a existência de um grupo da comunidade que está conflitando com os ensinamentos e costumes aprendidos de Paulo. Entre os versículos 2 e o 16, então, desenvolve-se o argumento de Paulo em busca de orientar a comunidade neste conflito sobre o costume relacionado a como as mulheres e os homens devem se apresentar para orar e profetizar no culto.

Paulo usa como argumento principal a ordem da criação do homem e da mulher e da autoridade de Cristo como cabeça

da Igreja. Começa apresentando Cristo como cabeça de todo homem e o homem como cabeça da mulher. Depois segue argumentando sobre uma ordem na qual homem e mulher foram criados, e sobre quem procede de quem, até concluir o argumento no versículo 14: “Todavia, nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor. Porque, como a mulher provém do homem, assim também o homem provém da mulher, mas tudo vem de Deus.” Apesar de parecer que Paulo usa uma argumentação machista que reforça uma certa hierarquia dos homens sobre as mulheres, a partir da ordem da criação, o que Paulo procura garantir no final é a continuidade da participação plena das mulheres na igreja, orando e profetizando.

Para que as mulheres continuem orando e profetizando na comunidade de Corinto, a orientação pastoral dada por Paulo é que elas devem trazer um sinal de sua “*exousia*” (que poder ser traduzido por: independência, poder ou autoridade): “Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, por causa dos anjos.” (v.10). A Palavra *exousia* nunca tem o significado de dependência ou submissão. Mas, a maioria das traduções mais antigas traduziram erroneamente *exousia* como **dependência** ou **“submissão”**. Mais um equívoco de tradução! Os anjos são mencionados porque Paulo considera que o dom da profecia é mediado pelos anjos, com isso ele tenta afirmar que o dom da profecia dado às mulheres vem de Deus e dos seus anjos.

Outra palavra-chave na argumentação de Paulo é ***kefalé*** – **cabeça**, que na tradução comum pode estar relacionada à autoridade e subordinação, mas que também pode ter o significado de “origem” ou “fonte”. Se lermos as palavras de Paulo a partir do sentido de origem, e não de autoridade/subordinação, isso reorienta completamente a interpretação da passagem, tirando o foco da hierarquia da relação, colocando na origem de todas

as pessoas: “Quero que saibas que a origem de todo homem é Cristo, a origem da mulher é o homem e a origem de Cristo é Deus”. A referência à origem de homem e mulher na criação aponta também para a nova criação em Cristo, em que não deveria mais existir homem ou mulher (Gal 3:28). Paulo conclui o argumento defendendo que as mulheres devem permanecer orando e profetizando igualmente os homens, cuidando da aparência de suas cabeças e cabelos: os homens devem orar e profetizar de cabeças descobertas e as mulheres de cabeças cobertas pelo véu.

E qual a importância desta questão de costumes para a oração e a profecia dos homens e mulheres na igreja? No contexto da cidade de Corinto, essa questão em torno da aparência de quem dirige os cultos e assembleias públicas é de especial importância, uma vez que um dos conflitos que estava perturbando a comunidade era a fama da cidade de Corinto: “Viver à coríntia”, que representava uma forma pejorativa de acusar a cidade de excessivamente libertina em relação aos costumes. A cidade de Corinto era conhecida pelos cultos de mistério oferecidos à deusa Ísis, que incluía banquetes e orgias sagradas, nas quais as mulheres sacerdotisas usavam cabelos soltos e praticavam atos sexuais como comunicação com o mistério divino.

Diante desse contexto, havia um grupo da comunidade cristã de Corinto preocupado com a reputação da igreja, e problematizando a participação das mulheres no culto, orando e profetizando, uma vez que poderia, assim, a comunidade ser confundida e relacionada a tais práticas dos cultos de mistério dirigidas pelas sacerdotisas.

Paulo responde a essa preocupação, orientando que os homens orassem e profetizassem de cabeça descoberta e as mulheres de cabeça coberta pelo véu, que, nas palavras de Paulo, representa o sinal de seu poder!

Quem tem autoridade sobre nossas cabeças? Tirando o véu patriarcal da cabeça das mulheres

Ao fazer uma leitura mais atenta, descobrimos alguns “véus” patriarcais colocados sobre este texto. Nessa leitura mais atenta podemos ouvir melhor a voz de Paulo e da comunidade, mas não conseguimos ouvir a voz das mulheres profetisas, porque simplesmente não aparece.

Esse é mais um dos véus patriarcais que cobre todo esse texto: a ausência da voz das mulheres que foram veladas. Podemos imaginar que a insistência de Paulo em colocar o véu sobre as mulheres como sinal de poder buscava solucionar não apenas um conflito externo, mas as resistências patriarcais internas, que defendiam o velamento e silenciamento das mulheres, por isso, esse assunto, que era aparentemente trivial, encobria algo que não poderia ser considerado sem importância.

Isso explica o argumento de Paulo, que apelou às tradições judaicas antigas que estavam em oposição aos costumes e tradição das comunidades paulinas, que vivenciavam o Evangelho da igualdade.

Paulo, prevendo que haveria contestação à sua argumentação, que poderia vir tanto do grupo de tendência patriarcal, que buscava interromper a participação das mulheres, quanto das próprias mulheres profetisas da comunidade, que poderiam contestar o velamento de suas cabeças como solução. Paulo, então, conclui seu argumento, tentando evitar novas discussões: “Julguem por vocês mesmos (...) E se alguém quiser por isso em discussão não temos esse costume, nem as igrejas de Deus” (v. 11:13a-16).

A solução apresentada por Paulo foi a melhor ou única possível naquele contexto? Isso não podemos julgar, mas é certo que o “véu” patriarcal não ajudou a manter as mulheres orando e profetizando nos cultos e nas assembleias públicas. O poder das mulheres não foi reforçado com o véu colocado em suas cabeças, ao contrário, décadas após a escrita de Paulo em I Coríntios, o poder das mulheres que profetizavam e oravam foi totalmente velado, encoberto e abolido.

Portanto, o véu nunca foi, como imaginado por Paulo, um sinal de poder para as mulheres, mas sinal das forças patriarcais que já invadiam e predominavam nas comunidades cristãs do primeiro século do cristianismo.

A nova criação em Cristo, como argumentado por Paulo, deveria abolir as desigualdades e hierarquias, dando luz a um novo modelo de relações, inaugurando uma comunidade de iguais, não mais orientado e mais marcado pelas hierarquias e desigualdade da velha criação. Deveria ser este o sinal da nova criação em Cristo, trazido no corpo da comunidade de Corinto, e não um véu patriarcal na cabeça das mulheres, que se tornou um sinal do poder patriarcal que predominou na Igreja de Cristo.

1 Coríntios 14

Simony dos Anjos

Devem as mulheres calarem-se na Igreja?

1 Coríntios 14:33-36

O texto de 1 Coríntios 14:33-36 é sempre uma sombra nos ministérios desenvolvidos por mulheres nas igrejas, afinal deveriam mesmo as mulheres ficarem caladas? Quando se trata da ação eclesial da mulher na igreja, esse texto é uma pedra no sapato de quem defende o pastorado feminino, e pedra angular para quem é contra a ordenação feminina. O fato é que esse texto traz muitas dúvidas e ressentimentos para nós, mulheres. Afinal, devemos nós ficarmos caladas? Submetidas à vontade de nossos maridos, sem o direito de nos posicionarmos em uma assembleia, de ensinarmos sobre a bíblia e até de pastorearmos? Desse modo, essa lição tem o objetivo de trazer paz e conforto para as mulheres, para que elas se sintam permitidas a exercerem seus ministérios de forma legítima e profícua.

Esse texto integra o que chamamos de Epístolas Paulinas, escritas pelo Apóstolo Paulo para orientar as Igrejas primitivas. Esse texto de 1 Coríntios 14, especificamente, é uma série de orientações de Paulo a respeito da vida espiritual da Igreja de Corinto, com uma série de recomendações sobre orações em línguas e profecias. Provavelmente, essa igreja passava por um

momento em que falsos profetas se levantaram, que não levavam com seriedade o que a Palavra de Deus diz.

E no meio dessas orientações de cunho espiritual, de experiências de vida com Deus, Paulo, no trecho 33-36, remete-se à Lei, para que as mulheres fiquem caladas. O que traz muita estranheza ao contexto geral, pois ele destoa dos demais versículos. Contudo, como a maioria dos teólogos são homens, eles nunca questionaram muito esse texto na tentativa de entender o que era de fato orientação espiritual e o que era apenas um costume daquela época. E esse texto sempre foi aplicado à realidade das igrejas contemporâneas como está escrito.

Desse modo, temos que considerar que a interpretação da bíblia é fruto de uma dinâmica social, na qual as pessoas que a leem querem defender seus pontos de vistas, e quando apenas uma parte das pessoas têm acesso à leitura e interpretação da bíblia, a outra parte é silenciada e não pode contribuir com uma outra interpretação do texto bíblico.

Até a década de 1970, somente homens estudavam nos seminários e faculdades de teologia, pouquíssimas mulheres participavam dos debates teológicos. E, nesse contexto masculino, a teologia não se preocupava em interpretar esse texto de acordo com o mundo no qual vivemos, como é feito com os mandamentos do Velho Testamento, por exemplo. Estava muito confortável para os teólogos aplicarem esse texto na literalidade, pois isso garantia uma supremacia masculina no fazer teológico.

Depois da década de 1970, várias correntes da chamada Teologia Feminista começaram a se fortalecer e a questionar esse texto. E esse texto é questionado desde a sua autenticidade

- pois a teóloga Elisabeth S. Fiorenza, por exemplo, defende que esse texto de 33 a 36 é uma adição póstuma ao texto paulino, inserido justamente para manter o status quo daquela comunidade, e que se lermos o capítulo 14 de 1 Coríntios retirando esse trecho, ele faz mais sentido - até a sua leitura literal.

Assim, a Teologia Feminista, é chamada como a Teologia da Suspeita porque suspeita sempre de regras que controlam os corpos das mulheres, e esse é um texto central no controle dos corpos femininos.

Assim, eu te convido para suspeitarmos deste texto juntas, vamos? Em primeiro lugar, a leitura desse texto padece de dois equívocos, por parte dos que leem a bíblia de forma literal:

- a. não considerar o contexto histórico;
- b. considerarem por mandamento, algo que é uma orientação de Paulo, conforme as tradições patriarcais.

Um dos exercícios mais importantes da teologia é a chamada hermenêutica, que lê um texto em seu contexto e faz uma leitura dele conforme o nosso tempo histórico. Esse texto é claramente um costume, e não um mandamento. Quando o texto diz é “vergonhoso”, nós podemos entender como se fosse: “não venha de batom vermelho à igreja”. Ou seja, não é um pecado, não é um mandamento de Cristo, é um costume patriarcal.

Quando o texto diz: “como diz a lei”, entra em conflito com o próprio texto paulino de Romanos 6:14 que diz: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. E se estamos debaixo da graça e por Cristo somos chamadas ao ministério da palavra e do ensino, quem é a Lei para desconsiderar o nosso chamado? Pergunto a você: quem chama é a Lei ou Deus?

Desse modo, percebemos que esse texto é um pretexto para garantir que mulheres não exerçam o pastorado, infelizmente. E, tratando-se de um costume de uma época, ele não deve ser obedecido tal qual um mandamento. É um costume, e costumes mudam. O próprio apóstolo Paulo diz em Gálatas 3:28: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.”

Somos um em Jesus, e a partir do momento que ele veio à Terra e o véu se rasgou, todas e todos têm acesso a Deus. E, se os homens querem que as mulheres fiquem caladas dentro da Igreja, é uma Lei humana, e não um mandamento divino. O próprio Paulo diz “a Lei”. E pelo o que eu sei, não seguimos aqui no Brasil a lei judia dos primeiros séculos, não é?

Quando pensamos em Cristo, ele enviou a primeira missionária aos gentios, a mulher samaritana. Ele a chamou para a obra, e ela foi: “Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens: Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo?” João 4:28-29.

Cara leitora, se algum dia esse texto te trouxe peso, dúvida ou tristeza sobre o seu chamado, lembre-se de que Jesus enviou uma mulher ao ministério. Foi uma mulher que anunciou a sua ressurreição. Não podemos confundir leis humanas com a vontade de Deus. E esse texto declaradamente é uma lei do povo judeu daquela época. Se pararmos para pensar, as Leis Brasileiras até bem pouco tempo não permitiam que mulheres trabalhassem sem autorização dos maridos, viajassem sem autorização dos maridos e até que cursassem o ensino superior. Afinal leis mudam, não é? E Deus, esse nunca muda e foi ele quem instituiu Débora juíza sobre um povo, não foi? Quem teria mais autoridade do que uma juíza, que decidia sobre a vida de todo o povo de Israel?

Em 1999, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil passou por um processo de autorização da ordenação de mulheres ao ministério da palavra. Nesse contexto, as mulheres da igreja que sentiam que tinham um chamado se uniram em oração e em ação. Em um texto chamado [Educação Teológica e Ordenação de Mulheres](#), a reverenda Shirley Proença diz que

Assim como muitos homens foram chamados para missões específicas, mulheres também foram designadas para dirigir o povo de Deus, principalmente em tempo de crise. Débora, a mulher “como uma personalidade multifacetada, que combina os poderes de juíza, de profetisa e de líder na guerra”. Por meio desta mulher, Deus salva o seu povo na luta contra o exército canaanita liderado por Sísera (Jz 4). Além de Débora, Hulda, profetisa que, consultada pelo rei Josias, disse, da parte de Deus, o que iria ocorrer com o povo desobediente e infiel. Nas narrativas do Novo Testamento, encontramos muitas mulheres que seguiram a Jesus, que dispuseram seus bens para que a mensagem de Deus alcançasse pessoas em diversas cidades, que foram testemunhas oculares no ministério, morte, ressurreição e ascensão de Jesus. Por exemplo: Maria Madalena, Joana, Maria, Susana (Mt.27.55-56; Lc 8.1-3). Temos também mulheres que aceitaram os ensinamentos dos apóstolos e foram líderes na igreja cristã nascente, como Lídia (At. 16.11-15, 40), Priscila (Rm 16.3-5), entre outras.

Por fim, o chamado de Deus em nossos corações é irresistível. Quando ele nos enche o coração e a boca para falarmos em meio ao povo dele, quem poderá nos calar?

Assim, devem as mulheres ficarem caladas e não anunciarem as boas novas de Cristo? Não, não devem. Cristo nos chama para o trabalho com nossos dons, inclusive com o dom da fala.

Rebecca Maciel

Paulo, Paulo, por que me persegues?

Efésios 5

Essa frase que é posta na boca de Jesus, durante a conversão de Saulo no caminho a Damasco, faz-nos também pensar o quanto Paulo persegue a história de nossas igrejas até hoje. Discursos ambíguos de graça, amor, salvação e humildade, enquanto em outros textos pede para que imitem a ele mesmo, fala de moralidade e outros temas complicados, Paulo ainda persegue o nosso dia a dia na igreja.

Às vezes parece ser um ser etéreo, que não precisa ser contextualizado, quase uma entidade que psicografou cartas para o público cristão. Essa abstração de quem é Paulo pode cair em duas pegadinhas: uma de achar que ele não merece crítica porque foi inspirado por Deus e outra de que Paulo é a pessoa que distorceu tudo da mensagem de Cristo e não merece respeito.

Um ser totalmente do bem ou um ser totalmente do mal.

Contudo, faz sentido pensar em bem e mal quando falamos de uma pessoa, como outra qualquer, nascida no século I? Então, gostaria de começar com um pressuposto que muita gente tem usado nos estudos de Foucault e de teologia feminista: a suspeita.

Pistas

Antes, precisamos juntar nossas pistas para elaborar uma suspeita, especialmente do texto de Efésios 5,22-33, que nos interessa nesse momento. Segundo O'Connor, autor da biografia crítica de Paulo (2004), Éfeso chegou na vida de Paulo um pouco tardiamente, depois da Assembleia de Jerusalém, no ano 51 D.C. Paulo já tinha 7 anos de ministério e, para este pesquisador, ele teria passado em Éfeso entre 2 a 4 anos (At. 19 e 20). Nesse tempo, não precisou escrever nenhuma carta para o povo local, mas escreveu cartas muito conhecidas para nós: Coríntios 1 e 2. Cartas lindas que falam sobre amor, sobre comunidade, sobre corpo e, provavelmente, escreveu essas cartas inspirado no que estava vendo em Éfeso. Para Paulo, Éfeso era exemplo de unidade, de igreja estável e em crescimento que ele poderia contar para cuidar de seu ministério, afinal não era todos que eram simpáticos a Paulo. Aliás, Apolo chegava em Éfeso e isso ameaçava ainda mais essa simpatia. O que deu mais estabilidade para Paulo nessa viagem foi a convivência com Priscila e Áquila. Paulo saiu de Éfeso porque Corinto estava em crise e precisava mais de sua ajuda.

Bastante tempo depois, quando Paulo está preso em Roma, no final de sua vida, quase dez anos depois, ele escreve para a igreja de Éfeso. Escreve com uma distância da última vez que esteve lá e a partir de relatos de Priscila - uma mulher - e Áquila, seu

marido. Timóteo também ajuda nesse momento a saber o que estava acontecendo e, pelo jeito, a fofoca de que Éfeso estava perdendo o primeiro amor, a primeira comunhão, foi longe. A exemplo disso, é a primeira igreja a ser citada no Apocalipse, no capítulo 2, quase 40 anos depois.

“2. Conheço tuas obras, teu trabalho e tua paciência: não podes suportar os maus, puseste à prova os que se dizem apóstolos e não o são e os achaste mentirosos. 3. Tens perseverança, sofreste pelo meu nome e não desanimaste. 4. Mas tenho contra ti que arrefeceste o teu primeiro amor. 5. Lembra-te, pois, donde caíste. Arrepende-te e retorna às tuas primeiras obras. Se não, virei a ti e removerei o teu candelabro do seu lugar, caso não te arrependas.”

Percebemos então, uma primeira suspeita. **Se você fosse Paulo, frente a tudo isso que estava acontecendo, o que você escreveria a igreja de Éfeso?** Priscila, Áquila e Timóteo avisam para Paulo que aquela igreja perdeu o respeito, o sentido de comunidade e corpo, perdeu o primeiro amor. E, por isso, vale a pena comparar Coríntios e Efésios, pois a carta aos Coríntios teve como inspiração as ações que deram certo em Éfeso.

Carta aos Efésios

Como toda boa carta, não deve ser lida em fragmentos, mas dentro de um fluxo específico. Apesar de não termos com absoluta certeza a totalidade da carta, sabemos que não faz sentido ler somente um trecho. Segundo o Manual Bíblico Vida Nova (2010), a carta se divide em: benção, definição de nova vida, oração para compreender o mistério de Cristo, exortação à unidade, exortação a andar na luz, aplicação ao lar e descrição da batalha espiritual dos crentes.

Olha que curioso: ele reafirma vários temas de corinto que eles

já sabiam que eram importantes: divisões (1Co 1-3), casamento (1Co 7), ordem no culto (1Co 11), partes do corpo (1Co 12), amor (1Co 13) e responsabilidades daqueles que estão servindo a Deus (2Co); isso é, coisas que eles já foram exemplos. E nisso a gente já consegue suspeitar do que Paulo gostaria que tivesse em Éfeso.

Efésios 5

Novamente, antes de chegar no 22, vou pelo início, como a própria leitura bíblica sugere a compreensão.

“Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; **E andai em amor**, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. Mas a fornicção, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; Nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes, ações de graças. **Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus.** Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Portanto, não sejais seus companheiros. Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz. (Porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade); Aprovando o que é agradável ao Senhor. E não comuniquéis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as. Porque o que eles fazem em oculto até dizê-lo é torpe. Mas todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz, porque a luz tudo manifesta. Por isso diz: Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá. Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, Remindo o tempo; porquanto os dias são maus. **Por isso não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor.** E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito; Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais; cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração; Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo; **Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus.**

Não entrarei em detalhes sobre todo esse trecho, mas percebemos algumas pistas de interpretação. Uma é o foco em andar em amor, sujeitando uns aos outros, lembrando que nos textos bíblicos comparações sempre são entre iguais. É como a ideia de idônea para mulher em Gênesis 1 ou que o Verbo era Deus em João 1. Paulo dá pistas para que se possa ler toda a carta a partir desses termos e dessa figura de linguagem de comparação. Além disso, dá pistas para a construção da relação a partir do amor que ele fala em 1 Coríntios 13 e o próprio João, em Apocalipse, mais tarde vai reafirmar que era um tema importante para a igreja de Éfeso. **Temos aqui então duas possibilidades de leitura: pela igualdade e pelo amor.**

Mas há outra possibilidade, inspirada em 1 Coríntios 5, que é a luta contra a imoralidade. Apesar de forte nesse trecho, não temos uma confirmação dessa questão em João, somente em Gálatas, que é escrita também no período de Paulo em Éfeso. Gálatas, para nós, é uma carta muito popular, mas O'Connor comenta que seria um rascunho do que seria Romanos, a grande carta de Paulo. De qualquer modo, a moralidade está relacionada com uma ideia pública de que as pessoas tratavam a fé cristã como barata, que valesse tudo e que a graça justificava, independentemente de continuarmos pecando propositalmente. Para Paulo, o respeito à graça era a partir de comportamentos morais que demonstravam veneração e, então, haveria pessoas que poderíamos julgar como imorais e mais distantes da imagem de Cristo. **Não haveria equilíbrio entre iguais, mas diferenças que demonstraram respeito.**

Assim, finalmente podemos olhar para o texto principal:

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam

em tudo sujeitas a seus maridos. Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, Para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, Para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; Porque somos membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja. Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido.”

Se fizermos uma tradução bem leiga e bem tosca do grego, poderíamos reescrever assim:

As mulheres fazem parte (como posse) do homem, como se o homem fosse o Senhor. Pois o homem é o fundamento, ponto principal da mulher assim como Cristo é o fundamento da igreja. Assim como a igreja obedece a Cristo, a mulher ao homem também. O homem amará a mulher como Cristo foi apaixonado pela igreja e por ela abandonou a si mesmo; A fim de auto sacrificar, purificando a partir da água e da Palavra (Réma); E se mostrar à igreja gloriosa, sem dolo ou ruga, em contrapartida, santa e sem culpa. Desse modo o homem tenha amor a sua mulher como se tem ao próprio Corpo de Cristo (ou só corpo, soma em grego). Amar sua mulher é amar a si mesmo. Ninguém, em nenhum momento, rejeitou sua própria carne (sarx em grego, corpo pecaminoso), mas cuida e conforta como Cristo fez com a Igreja. Afinal, somos mesma carne (sarx) e ossos. Por isso a humanidade deixará pai e mãe e se aglomerará a mulher sendo uma só carne (sarx). Esse é o grandioso mistério que eu digo sobre Cristo e sua igreja. Contudo, ainda, cada um ande ao lado de sua mulher com amor como faz consigo mesmo e esta tema ao seu marido.

Essa segunda tradução simplória temos ideia do que, de fato, muda ou não de sentido com as palavras. Podemos ver aqui

algumas daquelas pistas: amor, respeito, mas também demonstração de hierarquia. A ideia de fundamento remete ao Gênesis que a mulher viria do homem, como novamente aparece com o trecho da aglomeração do homem e da mulher - em que não há um nem outro, mas uma coisa só

Também aparece algo que é muito comum em Gálatas e Coríntios que é a carne. Há a ideia recorrente de que são um corpo espiritual em Cristo, como a igreja, mas que se encontram na carne, isso é, na fragilidade do outro, no espinho. E, nesse sentido, a analogia do Corpo em 1 Coríntios 12, ao dizer que quando um sofre, todos sofrem, remetem a esse corpo comum. Um corpo para ser reverenciado, mas também humilhado, com partes “nobres” e “imundas”.

Essa mistura, que não é só “deixar pai e mãe e se unir a mulher”, faz que tudo seja uma coisa só, mesmos ossos e carne, como o texto em grego coloca. Relembro que Priscila, mais do que Áquila, foi responsável pelas novidades de Éfeso para Paulo.

Nesse apanhado todo, não trago então respostas.

Trago perguntas que cabem para pensarmos como igreja:

- O que você crê que aparece mais? Amor, hierarquia, entrega? Você vê homens e mulheres se encontrando em suas fragilidades? O que será que Paulo quis dizer? O que Priscila, ao ler essa carta, entenderia?
- O que esse trecho de Efésios pode nos ensinar hoje, séc. XXI?

Que Deus nos abençoe

Carolina Bezerra de Souza e Taiana Luisa Wisch

O primeiro código de deveres domésticos cristão:

propaganda e proteção comunitária

Colossenses 3

Colossenses é parte da literatura bíblica epistolar paulina, textos orientados a comunidades citadinas na Ásia Menor ou Europa que, com o tempo, ganharam circulação geral no cristianismo. Essas comunidades eram desenvolvimentos do movimento de renovação do judaísmo encabeçado por Jesus Cristo, que conheceram pelas lentes da pregação paulina, podendo ter sido fundadas por Paulo ou outros missionários.

Uma das características desse tipo de escrito é de instruir diretamente, de um determinado ponto de vista teológico, grupos sociais com relação a sua maneira de viver comunitariamente. Como atende a problemas humanos e comunitários, esse tipo de escrito tem uma influência bastante sólida na vida de comunidades de fé que se identificam, ainda hoje, com muitos dos problemas expostos.

Assim, quando estudamos as cartas é necessário discernir as novidades trazidas para o contexto histórico, mas também atentar para os retrocessos que são colocados ao cristianismo vigente, a acomodação cultural e a sedimentação de discursos não necessariamente originados nos ensinamentos de Cristo.

As pesquisas históricas e exegéticas concluíram que nem todas as cartas associadas ao apóstolo Paulo são realmente compostas por ele. Após a sua morte, a segunda e terceira gerações de grupos e comunidades cristãs que ele fundou e/ou orientou, entendendo que as epístolas eram uma boa forma de dar orientações sobre o cristianismo, continuaram a escrever nesse formato literário com a chancela da teologia do apóstolo¹. Enquanto hoje isso se enquadra como mentira e falsidade, era uma prática comum e legítima na Antiguidade e Idade Média e indicava que tais escritos pertenciam a escolas teológicas paulinas.

Com data de composição por volta do ano 70 a 80 d.C., Colossenses é considerada uma dessas cartas deuteropaulinas de segunda geração. Ela tem características literárias, de vocabulário e teológicas que a diferenciam dos escritos paulinos autênticos². Em especial, há diferenças na maneira de ver a escatologia, na imagem de um Cristo cósmico como base da argumentação da carta e nas orientações para mulheres e escravos. Como é importante localizar nosso texto em seu contexto literário, apresentamos uma estrutura argumentativa da carta.

1 Um bom livro para compreender os grupos cristãos do primeiro século é GASS, Ildo Bohn. Uma introdução à Bíblia: as comunidades cristãs a partir da segunda geração. São Leopoldo; São Paulo: CEBI; Paulus, 2005.

2 Para aprofundar em argumentos literários e teológicos que sustentam que a carta não é de autoria Paulina, veja DETTWILER, Andreas. A Epístola aos Colossenses. In: MARGUERAT, Daniel. Novo Testamento: história, escritura e teologia. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 339-356. Também VASCONCELLOS, Pedro Lima. Colossenses e Efésios: desdobramentos da tradição paulina. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 55, p. 20-28, 2006.

- Introdução (1:1-2,5): memória da identidade cristã comunitária e missão de Paulo
 - Saudação 1:1-2
 - Ação de Graças 1:3-8
 - Intercessão 1:9-14
 - Hino cristológico 1:15-20
 - Aplicação do hino 1:21-23
 - Quem é Paulo e sua missão na comunidade 1:24-2,5
- Corpo da carta 2:6-4,6
 - Exortações contra a filosofia e as especulações 2:6-23
 - Permanecer em Cristo e a advertência contra a filosofia 2:6-8
 - A plenitude da salvação 2:9-15
 - Refutação a outras doutrinas de salvação 2:16-23
 - Exortações práticas 3:1-4,6
 - Convite a orientar-se por Cristo 3:1-4
 - Exortação ética: do homem velho ao novo 3:5-17
 - **Códigos de deveres domésticos (CDD) 3:18-4:1**
 - Exortações finais 4:2-6
- Conclusão 4:7-18
 - Indicações e recomendações pessoais 4:7-13
 - Saudações finais 4:14-18

Nessa estrutura, percebemos que a parte do código de deveres domésticos (CDD) é um corpo estranho em meio às exortações. Há um nó na linha argumentativa de forma que sua exclusão geraria um texto mais coerente com as temáticas que estavam sendo desenvolvidas.

Além disso, ali há uma mudança nítida no estilo de escrita. Por isso, estudiosos julgam que os CDDs de Colossenses e Efésios são inserções posteriores às carta³s. Porém, é necessário ressaltar que não foi achada uma versão dos textos sem o CDDs, então, aparentemente eles fazem parte do texto original.

Contexto Histórico

As comunidades estavam em um contexto helenizado. Encontravam-se sob governo e dominação do Império Romano, o que implica em exploração do trabalho, altas cargas tributárias e imposições culturais com o escravagismo como base do sistema econômico.

Desde a dominação grega, com aprofundamento durante o Império Romano, a base social e política da população mediterrânea encontrava-se na estrutura patriarcal. As normas familiares, ritos religiosos e costumes ancestrais faziam parte da economia e da política, formando um sistema interligado com o Estado, assim a estrutura hierárquica da casa era replicada em nível macrossocial e político⁴. A casa, além do local de habitação de um grupo extenso de pessoas de vários níveis sociais e graus de parentesco e de patronato⁵, era o centro produtivo e reprodutivo

3 MAZZAROLO, Isidoro. Paulo e os conflitos na antropologia feminina. Caminhos, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 261-311, jul./dez., 2011. KERRIDGE, Benjamin. A Reading of Ephesians in the Light of the Hermeneutics of Paul Ricoeur. Dissertação (Religion, Theology and the Bible). The University of Sheffield, Sheffield, 2015. p. 119; STANDHARTINGER, Angela. Colossians: the origin of the Table of Household Duties. In: SCHOTTROFF, Luise; WACKER, Marie-Theres (ed.) Feminist biblical interpretation: a compendium of critical commentary on the books of the Bible and related literature. Cambridge: Wm. B. Eerdmans, 2012, p. 804.

4 SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica. São Paulo, SP: Paulinas, 1992 p. 297

5 O patronato era um sistema de relações verticais, entre pessoas de estrato social distinto, que permeava toda a sociedade. A pessoa do estrato inferior era obrigada a conceder serviços, trabalho, produtos e honra à pessoa de nível superior, que se tornava seu benfeitor.

da antiguidade. Ali se processava a produção de alimentos e utensílios, pequenas manufaturas, no caso da cidade, ou a produção agrícola e extrativista familiar. Nesse sentido, a ‘casa’ era a principal célula de organização política, econômica e social⁶.

A estrutura da casa tinha como topo o paterfamilias, um homem considerado o patrão que comandava a vida dentro da casa. Abaixo dele, toda pessoa possui seu papel e função até chegar na base da hierarquia, que é composta por escravos e escravas⁷, responsáveis pela maior parte do trabalho e considerados como instrumento de trabalho⁸.

Nessas sociedades, mulheres gregas e romanas não tinham autonomia jurídica e estavam sob autoridade de um parente do sexo masculino, não podendo escolher sobre o casamento e concepção de filhos, considerada uma obrigação que dava a ela algum status social. No matrimônio, a regra era a relação desigual – ao homem cabia a dominação e à esposa a submissão.

Especialmente nas classes mais abastadas e nas cidades, havia uma rígida divisão sexual de espaço e de trabalho que garantia a instituição da descendência mantendo as mulheres em

6 Para uma discussão da casa como célula fundamental da sociedade patriarcal veja RICHTER REIMER, Ivoni Patriarcado e economia política. O jeito romano de organizar a casa. In: RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). Economia no mundo bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

7 A escravidão era uma dominação sobre a força de trabalho, as posses e o corpo das pessoas escravizadas. Os deveres iam de gerenciar a casa ou negócio, passando pelo trabalho braçal e obrigações sexuais com seus senhores, dependendo do grau de instrução do escravo. Os escravos também eram responsáveis pela reprodução de mão de obra pelo uso da sua sexualidade. Além disso, caso fosse liberto ainda devia obrigações monetárias e permanecia como cliente ao seu antigo senhor, porém era quase impossível conseguir libertação sem a benevolência do senhor, e, é necessário dizer, as relações entre escravos e seus eram marcadas primordialmente pela violência.

8 FOULKES, Irene. Os códigos de deveres domésticos em Colossenses 3, 18-4,1 e Efésios 5,22-6,9: estratégias persuasivas, reações provocadas. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 55, p. 52-80, 2006, p. 52-55.

ambiente doméstico/privado e o homem no espaço público. Como consequência, mulheres possuíam menor formação intelectual e uma gama de experiências sociais bem mais restritas. As mulheres judias daquele meio citadino helenizado estavam ainda mais conectadas à casa, pois eram responsáveis pela manutenção da cultura judaica no ambiente helenístico romano⁹.

Essa não era exatamente a realidade de mulheres no cristianismo. A autonomia e protagonismo de mulheres foi incentivada por Jesus, pois havia mulheres entre os que o seguiam em seu ministério, ministrando e concebendo teologia (cf. Mc 7:24-30; Mc 14:3-9; Mc 15:40-16:8 e paralelos; Lc 8:1-3), e depois por Paulo, que reconhecia a interdependência entre homens e mulheres, o espaço de atuação feminina e defendia escolha pelo celibato que eram defendidas pelo apóstolo, além de tratá-las com igualdade em boa parte dos textos (cf. Gl 3,28; Rm 16; 1Co 7)¹⁰.

Uma das condições para esse protagonismo é a herança de determinadas tradições judaicas e a localização social

9 FOULKES, 2006, p. 58-59 MACDONALD, Margaret Y. Las mujeres en el cristianismo primitivo y la opinión pagana: el poder de la mujer histórica. Tradução Xabier Pikasa, Navarra: Verbo Divino, 2004. ROUSSELE, Aline. A política dos corpos entre procriação e continência em Roma. Tradução de Teresa Joaquim. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente. Vol.1: A Antiguidade. São Paulo: EBRADIL, 1990. p. 351-407. ALEXANDRE, Monique. Do anúncio do Reino à Igreja - Papéis, ministérios, poderes femininos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das mulheres no Ocidente: A Antiguidade. Tradução de Teresa Joaquim. São Paulo: EBRADIL, 1990. V.I :p. 511-563. PARVEY, Contance F. The theology and leadership of women in the New Testament. In: RUETHER Rosemary Radford (ed.). Religion and Sexism: images of woman in the Jewish and Christian traditions. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 1998. p. 117-149.

10 MACDONALD, Margaret Y. Rereading Paul: early interpreters of Paul on woman and gender. In: KRAEMER, Ross Shepard; D'ANGELO, Mary Rose. Women and Christian Origins. Oxford University Press, 1999, p. 237. SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 177-189; SCHOTTROFF, Luise. A caminho para uma reconstrução feminista da história do cristianismo primitivo. In: SCHOTTROFF, Luise; SCHORER, Sílvia; WACKER, Marie-Theres. Exegese feminista: resultados de pesquisas bíblicas na perspectiva de mulheres. São Leopoldo-São Paulo, 2008. p. 161-226. p. 165-169.

do cristianismo nascente, com maior número de pessoas dos extratos sociais mais baixos, em que o trabalho feminino era necessário e as restrições sociais menores.

Ao longo do tempo, as comunidades cristãs se consolidaram e cresceram, também passaram por um processo de acomodação às estruturas sociais, e patriarcais, de seu contexto, pois precisavam se inserir na sociedade para sobreviver¹¹.

A condição de diversidade étnico-cultural e religiosa interna dessas comunidades, a pressão externa do ambiente patriarcal, a oposição aos cultos estatais, a perseguição estatal (intensificada desde Nero e ainda mais com a Guerra Judaico-romana dos anos 70 d.C.) e as disputas entre as novas lideranças cristãs, levaram a uma discussão sobre o que era o ensino verdadeiro e geraram a elaboração de condutas ordenadas para pessoas cristãs. Tais regras são fixadas nos códigos de deveres domésticos e outras exortações e visavam uma harmonia que pudesse ser mostrada ao exterior da comunidade como propaganda social¹².

Diante do poder político e econômico mediado pelas famílias da classe governante, os cristãos e as cristãs tinham que mostrar-se de acordo com a estrutura hierárquica, comportando-se de um modo que afugentasse toda suspeita de insubordinação de sua parte. Nesta perspectiva os CDDs representam uma ética e uma práxis cristãs para uma situação de sobrevivência, mas com o problema de que contribuem para legitimar um sistema político opressor.¹³

11 STEGEMANN, Ekkhard W.; STEGEMANN, Wolfgang. História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. Tradução de Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 452-453

12 MALINA, Bruce. The New Testament world: insights from Cultural Anthropology. 3ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001. p. 65-67

13 FOULKES, 2006, p. 60

O que são os códigos de deveres domésticos?

Para ordenar a casa e sua produção, havia uma tradição de filosofia econômica e política com normas de conduta. Os códigos de deveres domésticos são uma forma literária cuja origem está na filosofia econômica doméstica grega, podendo ter como base o pensamento de Aristóteles. Este filósofo, já no séc. IV a.C., fomentava as relações da casa “ordenadas em três pares assimétricos: o esposo e a esposa, o pai e os filhos, o amo e os escravos”¹⁴. Aristóteles entendia que mulheres eram desprovidas de capacidade de governo, escravos eram irracionais e os filhos não tinham maturidade, por isso dirigia seu discurso ao homem dirigente da casa.

Cristãos de segunda geração, em contexto de perseguição, fizeram sua leitura dessa herança cultural grega adaptada aos princípios judaicos de cuidado. O código de Colossenses é o primeiro em escritos cristãos. Diferentemente dos textos gregos, a versão cristã não focava a economia doméstica, nem a organização de funções produtivas ou a divisão do trabalho. Seu objetivo é a exortação moral para grupos cristãos específicos.

A presença dos pares assimétricos organiza o formato de Cl 3:18-31. Primeiro, há um endereçamento à parte submissa do par esposas, filhos e escravos, exortação com um imperativo à obediência ao segundo membro do par e motivação baseada religiosamente¹⁵. Em seguida, há um endereçamento ao *paterfamilias* com uma exortação de temperança e uma justificativa.

A justificativa da conduta submissa do texto de Colossenses

14 FOULKES, 2006, p. 52

15 SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 289. STRÖHER, Marga Janete. Casa igualitária e casa patriarcal: espaços e perspectivas diferentes de vivência cristã. São Leopoldo, 1998. p. 145

conjuga três motivações. É bem aparente a de ordem (como convém...). Há também uma motivação missionária, pois o “[...] código de conduta é essencialmente uma orientação secular de conduta dentro de estruturas existentes da sociedade, seu propósito é mostrar, e talvez, também divulgar, que as comunidades religiosas especiais não pretendem perturbar essas estruturas”¹⁶, ou seja, indicam atitudes que passam uma imagem positiva à sociedade externa ao grupo cristão, evitando reações negativas. Além disso, há a crença da relação entre a realidade, Deus e seus valores¹⁷ (no Senhor, agradável ao Senhor e temendo ao Senhor).

A justificativa da submissão das mulheres é breve, relaciona-se à ordem como estrutura divina: como convém no Senhor. As outras duas exortações à obediência, para os servos e filhos, também são relacionadas a essa estrutura divina. Que se torna a força argumentativa dessa ideologia de submissão. Mas única orientação ao paterfamilia que é colocada sob a relação com Deus diz respeito ao tratamento dos servos, mostrando [...] a importância desse tema.¹⁸

O foco principal do texto de Colossenses está no par senhores/escravos, a quem se dedica a maior parte do texto. Embora a quantidade de texto destinado a cada parte dos pares esposas/maridos e filhos/pais seja similar, esposas, filhos e escravos compõem o objeto desse discurso sobre a submissão no ambiente da casa. O conteúdo qualitativo relacionado às partes dos pares é extremamente diferente. Esposas e servos são direcionados a deixar de lado papéis de liderança que tinham no âmbito religioso e assumir uma subserviência imposta, enquanto os paterfamilias são direcionados a um comportamento já esperado do cristão: amorosidade, sabedoria e justiça.

16 VASCONCELLOS, 2006, p. 24

17 STANDHARTINGER, 2012, p. 803-805; STEGEMANN; STEGEMANN, 2004, p. 450-451.

18 RICHTER REIMER, Ivoni; FERREIRA, Joel Antonio; SOUZA, Carolina Bezerra de. Paulo e as questões de gênero em sociedades patriarcais, In: FIGUEIREDO, Telmo J. A.; CATENASSI, Fabrício Z. Paulo: Contextos e leituras. São Paulo: Paulinas, 2018. p. 217

Duas inovações são apresentadas nos códigos domésticos cristãos com relação aos textos gregos. Ele exorta “primeiro, em cada um dos pares assimétricos, às pessoas subordinadas, como sujeitos éticos, ainda que se encontrassem dentro de uma categoria subordinada”¹⁹. Depois, muda o tipo de orientação comum ao chefe da casa. É necessário considerar que, naquela época, a relação familiar romana não se estabelecia por afetividade, embora a caridade fosse uma virtude, a autoridade era a regra.

A cristianização da fórmula limitou o poder do *paterfamilias*, que antes era absoluto, porém, não retirou nem distribuiu igualitariamente esse poder, mantendo a dominação sobre mulheres, filhos e servos por uma figura masculina poderosa.

As inovações podem ser tentativas de ajustar-se à complexidade das relações nas comunidades cristãs em que senhores, escravos e seus filhos poderiam ser considerados irmãos e onde o carisma determinava a liderança, que podia ser masculina ou feminina. Porém, o direcionamento aos pares opostos não pode ser entendido como valorização de mulheres, crianças e escravos, mas como “manutenção e imposição da subordinação dessas pessoas, que poderia ser o grupo maior de pessoas ativas na comunidade”²⁰. A consequência é uma tradição que reduziu e limitou a atuação das mulheres cristãs e seguiu subjungando a população escravizada, gerando opressão ao longo da história, sedimentando religiosamente o patriarcalismo como um sistema social aceitável. A comunidade cristã formava o corpo de Cristo, que antes era dinâmico e completo, agora sai fragmentado e hierarquizado.

¹⁹ FOULKES, 2006, p. 56

²⁰ STRÖHER, 1998, p. 146

Lilian Conceição da Silva

A Desigualdade entre homens e mulheres como herança grega

1 Timóteo 2

Paz e Bem, queridas irmãs em Cristo!

Meu nome é Lilian Conceição da Silva. Como vocês, sou filha querida de RUAH. Fui chamada por Ela (RUAH) a ser teóloga e pastora. Sou pastora da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) há dezoito anos. Graças a Ela tive a oportunidade de estudar teologia e hoje sou doutora em Teologia, pela misericórdia e pela graça de RUAH.

A essa altura imagino que algumas de vocês devam estar perguntando: RUAH? Quem é?

Pois bem, RUAH é um dos nomes bíblicos de Deus no Antigo Testamento. Gosto particularmente de assim me referir a Deus porque me alenta afirmar a metáfora de Deus no feminino. Metáfora é uma forma comparativa ou aproximada para nos referirmos a alguém ou a algo.

O Antigo Testamento bíblico está repleto de alternativas metafóricas sobre Deus. O problema é que como foram os homens que

primeiramente definiram a Teologia e que escreveram teologias a partir de suas experiências com Deus, ignoraram e decidiram não considerar que Deus também se mostra como feminino na Bíblia, e não apenas como masculino. Falar e escrever sobre Deus é sempre uma tentativa inacabada e incompleta. O problema é que quando os homens escreveram sobre Deus deram a entender que era o único modo de assim fazer.

Do modo como a Bíblia foi organizada, RUAH é segundo nome de Deus que aparece. Vejamos: Gênesis 1:1-2 “No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.” Da expressão “Espírito de Deus”, a palavra “Espírito” é a tradução da palavra hebraica “רוח”, que é feminina em sua origem, traduzida para a língua portuguesa como palavra masculina.

Mais adiante, nos versículos 26 e 27 do mesmo livro, consta que Deus criou macho e fêmea à sua imagem e semelhança. Confirmam lá! Observemos também que, no mesmo livro de Gênesis, os dois capítulos iniciais têm modos diferentes para se referir à criação humana. O relato de que a mulher foi criada a partir da costela do homem somente aparece no segundo capítulo, que é seguido do capítulo sobre a desobediência humana (capítulo 3), culpabilizando à mulher pela queda, quando em verdade, de acordo com a narrativa, foi ao homem a quem Deus deu a ordenança, e não à mulher. (Lembrar estes versículos é muito importante para somente depois nos voltarmos para o texto bíblico proposto para nossa reflexão).

Agora sim, o texto para nossa reflexão é a Primeira Carta de Paulo a Timóteo, capítulo 2, que agora convido cada qual de vocês a ler na sua Bíblia. É a primeira de duas cartas escritas pelo autointitulado “apóstolo” Paulo ao seu discípulo Timóteo.

Observe bem o conteúdo dos versículos 1-8 e, em seguida, dos versículos 9-15. Percebe como Paulo trata desigualmente homens e mulheres?

O mais curioso é que o tema principal das cartas é a denúncia das falsas doutrinas e o ensino do que Paulo chama “sã doutrina”, ou seja, da doutrina saudável à vida cristã. Mas o que há de saudável na desigualdade ensinada por Paulo, ao privilegiar os homens em detrimento das mulheres?

Para os estudos teológicos é muito importante sabermos que os textos bíblicos são relacionáveis, e que devemos evitar a leitura isolada dos textos. Tão importante quanto é fazermos perguntas que nos auxiliem a melhor compreendermos os textos. Por exemplo: Quem escreveu? Quando escreveu? Para quem o escreveu? Qual a intenção? Quais os principais ensinamentos? Comunica vida? (Lembremos sempre: Jesus veio para que tenhamos vida plena e abundante, conforme João 10:10).

Sabemos que o autor das cartas a Timóteo é o apóstolo Paulo. Também sabemos que Paulo, antes chamado “Saulo”, nasceu em Tarso, um centro da cultura grega; sendo educado aos pés do doutor da Lei Gamaliel (Atos 2:3). Paulo era judeu com cidadania romana, de família da classe alta de seu tempo, e que por isso mesmo teve acesso a excelente formação, com forte influência grega. Das muitas heranças gregas, o conceito de “democracia” é um dos mais importantes. No entanto, é necessário que nós saibamos que na democracia grega as mulheres e as pessoas escravizadas não eram consideradas cidadãs de direito, pois apenas os homens livres eram cidadãos gregos. As mulheres não podiam participar de debates públicos. O silêncio

lhes era imposto como regra, como doutrina. Estas informações nos devem ajudar a compreendermos melhor o texto de Paulo a Timóteo em relação às mulheres, e a questionarmos sua relevância, uma vez que a intenção primeira do escrito é defender a sã doutrina.

Doutrina é um conjunto de ensinamentos. E como Jesus Cristo é o centro de nossa fé, a doutrina que deve orientar nossa vida e prática é a que Ele mesmo nos ensinou: a prática do Amor.

Sendo o Amor a única doutrina ensinada por Jesus Cristo, de quem todas nós somos seguidoras (discípulas) – bem como Paulo se afirmou discípulo –, a sã doutrina que deve orientar nossa prática de fé e vida deve ser esta: “Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (João 13:34-35).

Sendo nós mulheres criadas à imagem de Deus, tanto quanto foram os homens; dotadas de razão, tanto quanto os homens; cumpre-nos usar nossa razão para afirmarmos que os textos bíblicos, em sua maioria escritos por homens, não foram ditados por Deus. O que significa que os homens autores, ao registrarem o modo como viam a Deus a partir de suas próprias experiências de fé, como pessoas que viveram em tempos históricos, foram também influenciados pelas culturas de seus tempos. O que nos faz perguntar: de quem Paulo aprendeu que as mulheres deveriam silenciar? Sem dúvida, da cultura grega. Mas o mesmo Paulo escreveu aos Romanos (10:12) e aos Gálatas (3:28), **que em Jesus Cristo não há mais desigualdades: todas e todos somos um em Jesus Cristo.** De modo, irmãs, desconfiemos

sempre quando nos dias atuais alguns textos bíblicos são escolhidos com frequência para limitar a atuação e o protagonismo das mulheres. Não nos caemos! Aqui no Brasil somos cidadãs de direito tanto quanto os homens. E, antes mesmo, no Reino de Deus, no Reinado de RUAH, nossa cidadania é plena tanto quanto a cidadania dos homens. O Reinado de RUAH foi inaugurado por Jesus Cristo, quando aqui esteve como encarnado (Emanuel, Deus conosco). Portanto, o Reinado de RUAH já começou aqui e agora, e terá continuidade no pós-morte física, pois nossos espíritos são eternos em Deus. Firmemos nossos olhos no ensinamento de Jesus Cristo, pois dele somos discípulas! Não somos discípulas de Paulo, de Pedro, ou de pastores de nosso tempo.

Irmãs, recomendo que leiam textos de teólogas que buscam afirmar o direito conquistado para nós por Jesus Cristo, dessa plena cidadania. Cito algumas: Ivone Gebara; Maricel Mena Lopez; Cleusa Caldeira; Silvia Regina da Silva Lima; Odja Barros; Nancy Cardoso; Eliad Dias dos Santos.

Que RUAH, nossa Mãe Criadora, muito presente nos textos do Antigo Testamento, mas silenciada nas teologias masculinas ensinadas ao longo dos séculos, seja nossa inspiração para rompermos os silêncios impostos às mulheres nas instituições religiosas; assegurando-nos o direito à cidadania do Reino desde aqui e agora, já que também nós somos discípulas de Jesus Cristo.

Um abraço negro!

Olinda, 31 de agosto de 2020.

(Há dezenove anos foi realizada a I Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância. Durban/África do Sul, em 2001).

Ana Ester Pádua

Sugar Tito

Tito 2

Você, porém, fale o que está de acordo com a sã doutrina. Ensine os homens mais velhos a serem sóbrios, dignos de respeito, sensatos, e sadios na fé, no amor e na perseverança. Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom. Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus próprios maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada. (Tito 2: 1-5)

Em cima do criado mudo, ela. A poeira da semana já forma uma camada fina sobre a sua capa dura. Pego com cuidado, como se fosse um objeto frágil, a ponto de quebrar. Sopro a poeira que refletida pelo sol que entra por minha janela forma uma nuvem dourada. Há algo místico ali. Meus encontros com o livro sagrado há muito não eram carregados de tanta magia. Por anos minha aproximação foi simplesmente acadêmica. Uma experiência dura, enrijecida pela preocupação metodológica.

Hoje foi diferente. Sentei na beirada da cama e a coloquei sobre o meu colo. Eu quase quis orar. Preferi o silêncio da saudade daquela sensação de encontro. O livro pesado sobre minhas

pernas pedia para ser aberto. Folheei delicadamente as folhas finas tão fáceis de serem rasgadas. Lembrei-me abruptamente de tantas vezes que eu quis rasgá-las. Tantos foram os textos que quando manuseados cortaram meus dedos – e a minha alma.

Não sei mais onde fica o livro de Tito. Conhecia a sequência dos livros de cor. Gabava-me de ter colorido todas as páginas do livro com uma legenda que já não sei o que significa. Amarelo, azul, vermelho... os destaques já não fazem sentido para mim. Recorro ao índice.

Ali está o livro e Paulo, mais uma vez. Quantas vezes tive que salvar Paulo? Era muito mais fácil para mim o exilar do que ter que lidar com sua teologia, ainda mais quando eu não tinha recurso exegético ou hermenêutico algum.

A academia me preparou para aquele encontro. Eu já tinha fácil acesso a ferramentas de leitura que me ajudavam a pensar o contexto, a cosmovisão, o presumido porquê de ter sido escrito. Mas, seria isso tudo mesmo necessário? Não haveria uma forma de encontro com o texto sem pressupor de métodos que - ainda que libertadores - implicavam um saber que não estava disponível a todas?

Com um sorriso no canto da boca, lembro-me das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que sistematizaram de maneira única e libertadora o encontro entre a vida e o livro. Resoluta, decidi fazer o mesmo. Sobre a epístola a Tito, criei minhas próprias referências. Quem é o autor: a sabedoria. A quem se dirige o texto: a mim. O contexto: a minha vida, é claro. Aconcheço-me diante do texto, refletindo a partir de minha própria história.

Minha escolha pelo livro de Tito não foi ingênua. Uma frase saltava do livro como se estivesse viva: “Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom” (Tito 2:3). Dentro dessa frase, uma palavra: reverente. Confesso que por duas vezes que me aproximei do texto, li “irreverente” e não “reverente”. Disse a mim mesma: “que lindo, Paulo valorizando a nossa irreverência!” (Freud deve explicar...).

Poderia seguir com minha “irreverência”, mas eu queria enfrentar o texto e iluminar a minha jornada a partir de minha relação honesta com o que ali estava escrito. A vida e o livro. Minha posição na beirada da cama já me deixava um pouco inquieta. Decidi me recostar, esticar as pernas, e na busca por uma posição mais confortável percebi que meu incômodo não era somente físico. O texto me incomodava. “Mais um macho dizendo o que a gente deve ou não fazer”, meu alter ego anarco-feminista gritava dentro de mim.

Minha caminhada na Teologia de alguma forma me preparou para enfrentar textos como esses. Eu poderia pesquisar a palavra “reverente” no grego, poderia consultar os clássicos para entender o contexto que aquilo estava sendo escrito, poderia lançar mão do método histórico, sendo ele gramatical ou crítico.

Mas, eu havia feito um compromisso comigo mesma, eu seria a minha própria epistemologia. O percurso de compreensão daquela perícópe seria o meu corpo e as minhas vivências. Um desafio.

Como produzir conhecimento teológico sem recursos intelectuais? Minha visão academicista da intelectualidade por vezes

me fez acreditar que é na academia que a produção intelectual é concebida. Ledo engano. É na vida que a intelectualidade se forma. O intelecto é o entendimento, a capacidade de dar sentido a algo. Assim, tiro dos meus ombros o peso de achar em minha biblioteca os recursos para compreensão do texto. Já tenho tudo o que preciso: a vida, a curiosidade e a suspeita.

Abro mão da reverência paulina e decido ficar com a minha irreverência, afinal foi assim que o texto se aproximou de mim.

Decido-me, quero ler esse texto com uma epistemologia irreverente. Irreverência que não respeita, que não se curva, que não tem medo. Irreverência que ri, que acha graça, que faz graça. Assim, irreverentemente, volto ao texto, em especial àquela frase que tanto me chamou a atenção.

“Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom” (Tito 2:3).

Ah, as mulheres velhas. Há pouco tempo “velha” ganhou novos sentidos para mim. Finalmente entrei nos “enta”. Quarentei. Nunca imaginei que chegaria tão longe. A vida sempre se manifestou a mim como a grande amiga da morte. Essa mulher à espreita, que aguarda por mim ansiosamente. Minha difícil relação com minha sexualidade muitas vezes me deixou mais nos braços da morte do que da vida. Criei limites, alimentei medos, mas o tempo - esse Deus a quem não se pode controlar - tem sido generoso comigo. “Velha aos quarenta?” - você pode se perguntar. Sim, velha aos quarenta. Por que a velhice é tão evitada? Como uma maldição, banimos-na de nós mesmas e daquelas que nos cercam.

Talvez eu já tenha experimentado esse medo, mas não me lembro. (Já sofro de esquecimentos da velhice?). O que me lembro hoje é que a velhice marcou de maneira profunda esse meu último ano. Vi meus pais envelhecendo, em especial meu pai, que não nos deixa esquecer: “amanhã eu poderei não mais estar aqui”, ele diz repetidamente. Ele tem medo da morte. E quem não tem? Percebi-me envelhecendo também. Aderi aos cabelos grisalhos, que me fazem aparentar mais do que quarenta. Mas, o “velha” ganhou outro sentido para mim quando conheci Nancy.

Há alguns meses conheci a velhice na sua mais perfeita juventude. Em uma festa com o tema cabaré, ela apareceu diante de mim como desejo. Eu a desejei. Meus olhos se prenderam aos dela. Vi seu corpo, vi a marca do tempo no seu rosto, e me perdi. Como se estivesse caindo em um buraco negro, me vi sem chão, sem ar, sem lugar. Até que, depois de três meses caindo, finalmente me vi no seu colo. Encontrei lar.

Um relacionamento intergeracional. **Isso sim assusta muita gente mais do que o texto do livro de Tito. Geralmente, esse tipo de relação com grande diferença de idade tem duas personagens: “sugar baby e sugar mommy”. “Deve ter dinheiro envolvido”, logo afirmamos.** Não sei se o fato de esse ser um relacionamento lésbico ajuda ou atrapalha esse tipo de julgamento. Um casal intergeracional heterossexual é facilmente visto assim, a pessoa mais velha (sugar mommy ou sugar daddy) está comprando a pessoa mais nova (sugar baby). Em busca de companhia, de sexo, paga para ter uma pessoa ao seu lado. Já a pessoa mais nova, faz qualquer coisa por dinheiro, inclusive se submete a um relacionamento com uma pessoa mais velha, geralmente bem mais velha.

O julgamento sempre me assustou, mas nunca me paralisou. Duas coisas nos motivam: o medo ou o amor. Prefira sempre o amor. Geralmente, é a decisão que vai nos custar mais caro, mas é paga à vista e não cobra juros. A irreverência de Nancy facilitou o meu processo de decisão... a energia de vida que ela emana é capaz de iluminar as minhas sombras, as minhas escuridões. A carta de Paulo a Tito afirma: “Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens (...)”; a orientação é um farol aceso diante da imensidão do mar. Assim se guiam os navegadores, que, diante da escuridão, procuram a luz do farol indicando terra, indicando lar. Nancy é a mulher mais velha orientando a mais nova. Nancy é meu farol.

A orientação, segundo a carta de Paulo a Tito, tem um propósito claro: “a fim de que a palavra de Deus não seja difamada”. Um dos significados de difamar é desacreditar. Isso faz muito sentido para mim.

A orientação permite que eu acredite na palavra de Deus. E, para mim, a palavra de Deus é uma só, amor. Encontrar-me em Tito é me encontrar no amor. Tomar nas mãos o livro, que por tantas vezes para mim foi o livro da dor, e encontrar ali minha história de vida é amor.

Irreverentemente, me aproximei do texto bíblico. Precisei de algumas ferramentas para experimentá-lo, e todas elas encontrei em mim e nas minhas relações. A minha história sugeriu novos possíveis encontros com a carta, permitindo que ela fosse reescrita pela minha vida. Essa é a minha deferência à sabedoria bíblica.

Minha reflexão começou na cama. Procurei posições, troquei de posições procurando algum tipo de conforto. Agora já me

sinto confortável. Minha cabeça repousa gentilmente sobre o colo dela. Para alguns, minha sugar mommy. Para mim, o farol que orienta minha fé no amor.

Para adoçar a reflexão

Após a leitura desse texto, gostaria de te convidar a refletir sobre “o que te orienta”. **Quem são as pessoas que te orientam quando você precisa de ajuda e discernimento? Quais são as coisas te orientam? E, finalmente, quais são os sentimentos que te orientam?**

Para responder essas perguntas, sugiro que você encontre um lugar confortável e que pare por alguns instantes antes de pensar nas respostas. Feche os olhos e se imagine navegando pelo mar, veja à sua frente, ainda que distante, um grande e iluminado farol. Permita que o farol te guie em sua busca por respostas.

Eliad Santos

Os conselhos para submissão das mulheres, que não foram aceitos por todas!

1 Pedro 3

Moro no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, alguns anos atrás conhecido como o bairro dos judeus. Hoje em dia, é o bairro que ganhou um prêmio do mais “cool” do Brasil, devido ao número de imigrantes que vivem por aqui. É muito comum ver nas ruas famílias indo ou vindo para as sinagogas, igrejas asiáticas e aos muitos templos que existem aqui. O que chama minha atenção é o comportamento e situação das mulheres, que algumas vezes, apesar de toda modernidade, faz parecer que o tempo não passou. Textos bíblicos, como o que vamos fazer uma breve análise, são essenciais para entendermos nossa situação enquanto mulheres no contexto judaico-cristão.

1 Pedro 3, como outros textos bíblicos, é usado especialmente por pessoas e grupos fundamentalistas, conservadores, para justificar a exigente submissão das mulheres a seus maridos, ao mundo, porque está na bíblia!

A inferioridade, submissão é vontade divina, portanto ao ser questionada é feita por ações inimigas da igreja e com más intenções. Estamos passando por um período em que são

reforçados costumes e práticas que sempre foram combatidos por movimentos sociais, inclusive o das mulheres.

Para que um sistema se perpetue, é necessário que suas bases sejam cada vez mais sólidas, e o sistema capitalista necessita urgentemente que suas bases - sexismo, racismo, misoginia, homofobia - sejam preservadas.

Sendo assim, cresce a cada dia o número de pastoras e pastores que reforçam a necessidade de as mulheres voltarem aos seus lares, serem dóceis, submissas, não questionadoras, sejam belas, para que as coisas parem de mudar. Obviamente que este desejo não cabe na vida da maioria das mulheres brasileiras.

O número de famílias brasileiras chefiadas por mulheres cresceu 105% entre 2001 e 2015, segundo a pesquisa ‘Mulheres Chefes de Família no Brasil: Avanços e Desafios’. Isso significa um total de [28,9 milhões de famílias chefiadas por mulheres](#) em 2015, ano dos últimos dados.

Se somos um número tão expressivo trabalhando, porque voltarmos para os lares, cuidarmos de filhos, maridos que muitas de nós não temos, em que condições?

O mundo greco-romano da época também era parecido com o nosso. As mulheres ricas, embora fossem livres, eram dominadas por seus maridos, pai ou um tutor. Casavam-se jovens, sempre com homens mais velhos. Algumas tinham direito a propriedades, terras, heranças, e algumas até podiam participar da vida pública. Existiam as que trabalhavam com os maridos e as pobres que serviam a famílias ricas, eram vendedoras, e prostitutas. Porque, então, valorizar e reforçar uma situação em que as mulheres estejam em desvantagem?

O principal problema que está nas entrelinhas dos textos, em que as mulheres devem ser submissas, é a questão de poder. O cristianismo crescia e as mulheres abraçavam a nova religião, eram mantenedoras, propagadoras da fé e gozavam de um espaço de liberdade (Maria Madalena, Júnia, Priscila, Loide...). Para que esse poder ficasse com os homens, era necessário que textos, leis, reforçassem a importância da submissão aos homens e a Deus.

Manter as mulheres no espaço privado, afastá-las do espaço público, ou seja, da criação de políticas, organização do trabalho, leis e diretrizes, é necessário para que o poder se mantenha onde sempre esteve, nas mãos masculinas.

O texto de I Pedro 3:1-7 reforça que as mulheres devem buscar como ideal a castidade, que sejam puras, não chamem a atenção com adornos, tranças, muito ouro e que tenham compostura com os vestidos; sejam como Sara, que chamava Abrão de senhor.

“Igualmente vós, maridos, coabitai com elas com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus co-herdeiros da graça da vida; para que não sejam as vossas orações.”

Aos homens, recomendam que tratem a mulher como um vaso mais fraco, entendendo-as. O texto, no final, chama a atenção à prática e entendimento do cristianismo. Faça o bem e busque a paz! Podemos imaginar que o autor do texto pede aos homens que tratem de maneira diferente as mulheres, como eram tratadas socialmente. O texto nos apresenta algumas surpresas. Mesmo que inicialmente reforce a submissão feminina, lembra nos versículos finais que sejam iguais na graça da vida. Sejam justos! Seguidores do bem! Tenham uma boa consciência, perseverem, sejam como Cristo.

Portanto, Pedro está preocupado com o conflito que parece existir nas primeiras comunidades e o contexto social da época. Estrategicamente, as primeiras comunidades não deveriam ser tão diferentes das demais, assim, as mulheres deveriam ser respeitadas, cuidadas, porém submissas.

Voltando para nossa realidade, o fundamentalismo religioso entende que suas “regras e valores” valem para todas as pessoas no mundo. Luta sistematicamente que sua verdade seja acolhida, acatada e respeitada.

Por isso, iniciei o texto falando do bairro onde moro. O ser mulher, atualmente, continua nos chamando a questionarmos e mudarmos muitos aspectos que as mulheres daquela época viviam e vivemos ainda hoje.

Não somos apedrejadas, mas morremos de forma violenta pelas armas, facas dos companheiros ou maridos. As religiões ainda continuam, em nome do Senhor, sendo as responsáveis e guardiãs dos valores sociais.

Não pode isso ou aquilo, isto é ou não a vontade de Deus. Continuamos em conflito, e os fundamentalistas seguem firmes nos atropelando.

Procurei como teóloga, não biblista, analisar o que está nas entrelinhas desse texto. Podemos afirmar que a bíblia pode ser usada para salvar do medo da morte, dar esperança nos dias de desespero, “religar-nos” ao divino e trabalhar nossa espiritualidade. Podemos trabalhar nas comunidades de fé, nas escolas dominicais, na catequese, nas homilias os textos considerados machistas, e o são. O que não podemos deixar de fazer é contextualizar, trazer à memória o que se passava

naquela época e, especialmente, o que estamos passando agora. Se a palavra é luz, o dever é nos fazer enxergar o que está por detrás daquele texto.

Se formos fundamentalistas ao extremo, teremos que deixar de comer gordura, carne de porco, não cortar o cabelo, etc. Tudo que se encontra no livro de Levíticos era destinado a um grupo, a uma época, um contexto.

Falamos muito em furar a bolha do obscurantismo que parece a toda hora se impor sobre nós mulheres, negras, pobres, excluídas de todo e qualquer privilégio. Não temos os mesmos recursos financeiros, mas temos uma coisa muito importante, a fé, solidariedade e empatia. Precisamos nos organizar nas casas, nos cultos, procurar espaços de libertação de culpas e recriarmos espaços de sororidade. Precisamos nos fortalecer, sentirmo-nos unidas, corajosas.

Jesus é contra o feminicídio, a mão que se levanta para nos calar, a ordem de voltar para as correntes, a submissão.

Precisamos ser “espaços de esperança”, corpos e mãos que se agarram, evitando o precipício e estendendo a utopia de dias melhores. Se não acreditarmos mais em sonhos, em nós, o obscurantismo vencerá e seremos eternas prisioneiras da fé em deuses que destroem, distorcem e nos torna em seres sem perspectiva até de viver.

Referências

CARDOSO, Nancy. Palavras se feitas de carne, leitura feminista e crítica dos fundamentalismos, CDD (Católicas pelo Direito de Decidir). São Paulo, 2013.

BIROLI, Flavia. Feminismo e Política. Boitempo, São Paulo, 201

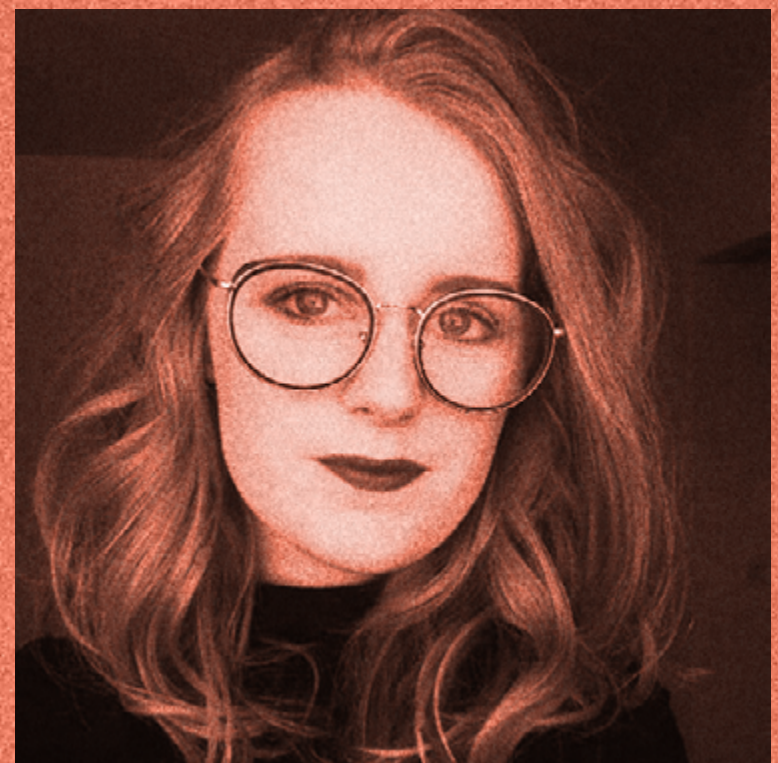
Sobre as autoras



Ana Ester é clériga das Igrejas da Comunidade Metropolitana. Doutora e mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas, é bacharel em jornalismo e em teologia.

Ana Ester

Bianca Rati tem 24 anos, nascida no interior do Paraná e uma das fundadoras do Projeto Redomas, hoje atua na editoria de conteúdo, apresentação e produção do Redomascast. É formada em design gráfico e mestranda em design pela UFPR, com foco em gênero, filosofia e visualidade. Filha de um lar evangélico, aprendendo a reler a vida e a fé com seu próprio alfabeto de letras encontradas em meio a crises, devaneios, intuições, descobertas, lágrimas e, porque não, risadas.



Bianca Rati



Carolina Bezerra da Souza

Carolina Bezerra de Souza. Teóloga Feminista. Docente nas áreas de Teologia Feminista e Tradições e Escrituras Sagradas na Faculdades EST. Tem pós-doutorado em Teologia Bíblica Feminista pela Faculdades EST. Doutora e Mestra em Ciências da Religião pela PUC Goiás. Bacharela em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Engenheira Eletricista pela Universidade de Brasília.

Eliad Dias dos Santos

Eliad Dias dos Santos. Com mestrado em Ciências da Religião - UMESP São Paulo, atualmente é pastora na Igreja Metodista da Luz, Bom Retiro - São Paulo. Coordenadora do projeto Casa na Luz, para mulheres e crianças em situação de migração e refúgio.



Lilian Conceição da Silva

Lilian Conceição da Silva. Reverenda, doutora e coordenadora do ABRAÇO NEGRO Pastoral Afro da Diocese Meridional, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.



Luciana Petersen

Luciana Petersen. Tem 23 anos, nascida no interior de São Paulo, faz parte da equipe do Projeto Redomas desde 2016, na edição de conteúdo, apresentação e produção do Redomascast. É feminista negra e tem ressignificado o sentido de espiritualidade no encontro com teologias marginais. Um processo difícil, porém divertido.



Odja Barros

Odja Barros, doutorado em Teologia pela EST (Escola Superior de Teologia), São Leopoldo - RS. Pastora na Igreja Batista do Pinheiro em Maceió - Alagoas. Coordenadora do Flor de Manacá, grupo de leitura feminista da Bíblia. Autora do livro Flores que Rompem Raízes: Leitura Feminista da Bíblia



Rebecca Maciel

Rebecca Maciel é carioca, Doutoranda em Psicologia e social e pesquisa saúde mental e mulheres evangélicas, psicóloga, teóloga e escreve no blog Teologicamente Instável



Simony dos Anjos

Simony dos Anjos é graduada em Ciências Sociais (USP), mestre em educação (USP), integrante do coletivo Evangélicas pela Igualdade de Gênero e colunista da Coluna Féministas, do Justificando.com.

Taiana Luisa Wisch

Taiana Luisa Wisch. Teóloga Feminista. Mestranda em Teologia pela Faculdades EST, Bacharela em Teologia pela Faculdades EST.



Sobre o Projeto Redomas

re·do·ma lôl

substantivo feminino

1. Campânula para resguardar do pó imagens, objetos de valor ou de estimação.
2. Extremo cuidado consigo própria
3. Meter numa redoma: tratar com especial cuidado; com demasiadas cautelas

Se considerada como um lugar, pode significar ao mesmo tempo proteção e privação, semelhante aos espaços de exercício da fé cristã. O Projeto Redomas, nasceu com a proposta de dar visibilidade às narrativas de mulheres que, em algum momento da vida, em alguns espaços cristãos, foram expostas, objetificadas, classificadas e caladas. Existe mais que apenas um corpo dentro destas redomas. E estes corpos femininos querem falar.

Desde 2015, o Projeto Redomas busca ressoar a voz das mulheres dentro dos espaços de fé cristãos, problematizar opressões e violências naturalizadas nesses espaços e promover novos olhares e perspectivas para a Igreja brasileira. Nos levantamos contra o machismo, racismo e LGBTQ+fobia. Nosso trabalho é primariamente de produção e curadoria de conteúdo como textos, estudos bíblicos, vídeos, livros e podcasts que são disponibilizados gratuitamente em nosso site. Somos um coletivo de mulheres espalhadas pelo Brasil e organizamos o projeto de uma maneira totalmente remota e digital.

Se você gostaria de contribuir financeiramente com o Projeto Redomas, a partir do valor de 5 reais, clique [neste link](#). As contribuições permitem que o conteúdo que produzimos permaneça no ar.